

A cidade de Rubem Braga: apontamentos sobre o espaço urbano em crônicas de Rubem Braga

Luciano Antonio*

A crônica que no Brasil adquiriu uma identidade própria tem seu repertório associado aos movimentos do espaço urbano. Observador do cotidiano e da fisionomia das cidades o cronista mantém suas lentes focadas no homem citadino, especificamente na relação entre estes e a cidade. Em tais aspectos não diferem as crônicas de Rubem Braga que na condição de jornalista itinerante habita e retrata diferentes cidades. Dentre os aspectos abordados por este cronista, destaca-se a condição do homem enquanto sujeito condicionado à lógica e paisagem urbanas, sufocado por um espaço que o massifica. Esse retrato do homem-urbano é traçado em duas crônicas, “Os Amantes” e “O Mato”, ambas de 1952. Nestes dois textos o cronista já aponta a importância do homem diante dos muros invisíveis levantados pela cidade.

Palavras-chave: Rubem Braga, Crônica, Espaço Urbano

The chronicle that in Brazil acquired an identity itself has its repertoire associated movements of urban space. Daily observer and physiognomy of the cities the chronicler keeps your lenses city man focused specifically on the relationship between these and the city. Not differ in such aspects as the chronicles of Rubem Braga which provided journalist itinerant dwells and depicts different cities. Among

Diferentemente de outros gêneros literários, a crônica possui no Brasil, desde seu surgimento características próprias. Cultivada por escritores consagrados em outros gêneros, a crônica tornou-se momento privilegiado para o escritor manter-se em diálogo com o leitor e com o momento presente retratando o cotidiano a partir de sua lente bifocal. Olhar enviesado que parte de fato, notícia ou até mesmo de evento ligado ao dia-a-dia do próprio cronista e alcança, muitas vezes, momentos de alta reflexão, mantendo a leveza pela fruição de um lirismo em tom confessional.

No Brasil a crônica literária sempre tem buscado ser crônica urbana: registro dos fatos da cidade, a história da vida cidadina, a cidade feita letra. Portanto, seria um gênero cosmopolita. Mas nesse cosmopolitismo nada

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina.

the aspects covered by this chronicler, stands out the condition of man while subject conditioning to logic and urban landscape, suffocated by a space that influences their conduct. This portrait of the man-urban is traced in two chronicles, "Lovers" and "The Woods", both of

1952. In these two texts the chronicler already points to the importance of the human face of invisible raised by city walls.

Key words: Rubem Braga, Chronicle, Urban Space

existe que se possa confundir com descaracterizações. Há nos cronistas, propriamente aos da grande cidade um apego provinciano pela sua metrópole. E é em busca desse apego que ele protesta diante das caracterizações do progresso, que aplaude o que a cidade possui de genuinamente seu. E, desse modo, escreve para transcender.

Não diferindo desse tom podemos mencionar a relevância das crônicas produzidas por dois escritores do Cânone literário brasileiro. Trata-se de nomes como José de Alencar que escrevia textos regularmente numa coluna do jornal chamada *Ao correr da pena*. Nessas crônicas o romancista aborda assuntos ligados ao seu tempo e espaço, ou seja, os fatos relacionados ao cotidiano urbano carioca nos meados do século XIX. Também como forma de dialogar com o leitor seu contemporâneo, Machado de Assis mantém espaço no jornal intitulado *Bons dias*. Neste, reserva o consagrado escritor, momentos para tratar de assuntos mais pontuais, transformando a crônica em canal de comunicação com o leitor, mantendo a leveza do gênero sem abandonar as marcas de sua prosa como a corrosiva ironia e a elegância da linguagem. Rapidamente exemplificado por esses dois escritores aqui, brevemente referidos, podemos dizer que a crônica surge como texto vinculado ao jornal, já que este é o seu habitat natural. Também possui como foco temático as diversas faces do cotidiano do homem urbano e nesses dois romancistas, especialmente, do habitante da cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

Seguindo essa visão linear, panorâmica e histórica podemos dizer que a crônica, mesmo com as mudanças no ambiente retratado e as particularidades das tintas de cada cronista, manteve-se ligada ao tempo presente, sintonizada ao espaço urbano. Em João do Rio o foco se volta para o cotidiano dos habitantes do subúrbio carioca retratando um mundo de pessoas que estão dialeticamente condicionadas pela vida citadina. Focaliza o cronista carioca de que forma o homem transforma e é modificado pelo espaço que o contorna e nele mantém-se ligado

por dependência multa. Assim, em *A alma encantadora das ruas*, João do Rio transforma-se em uma espécie de *flâneur* sintonizado com o universo próprio das ruas do Rio de Janeiro republicano, compõe o livro em forma de álbum ou painel da cidade, tendo cada crônica a função de retratar, tanto de forma panorâmica quanto em *close*, a relação entre os habitantes e as ruas. Nestes textos não só se observa as particularidades das relações humanas no espaço citadino, como também as transformações que ocorrem entre os habitantes e o meio habitado.

Herdeiro desse tom lírico calcado numa vida de jornalista itinerante, Rubem Braga transforma suas crônicas em momentos privilegiados para dialogar com o leitor e retratar aspectos pontuais do habitante de um espaço urbanizado. Desde a publicação do seu primeiro livro *O Conde e o Passarinho* de 1936, o escritor capixaba dedica-se em muitas crônicas a tratar de fatos miúdos que permitem traçar contorno da condição do homem enquanto ser não-desconexo de uma realidade sufocante marcada pela lógica própria do habitar a cidade já marcada pela massificação e sufocamento das individualidades.

Sem o objetivo de fazer mapeamento das crônicas que tratam do espaço urbano, devido, principalmente, à longa trajetória do escritor capixaba, selecionamos para este estudo duas crônicas que retratam de forma exemplar a posição do sujeito em meio às barreiras impostas pelos muros invisíveis que cercam o viver numa cidade grande. Publicadas num espaço de menos de quatro meses, pois ambas são escritas em 1952, essas crônicas apontam para tentativas frustradas do homem em fugir do espaço urbano, das obrigações e dos condicionamentos impostos pela sua inclusão, não como individualidade, mas como cidadão cumpridor de papel coletivo.

Narrada em primeira pessoa e tendo como “enredo” a tentativa de um casal de criar uma espécie de cárcere privado induzido, a crônica *Os amantes* expõe o cotidiano desses moradores que resolvem permanecer dentro do apartamento por uma semana sem manter qualquer tipo de contato exterior. Encerrados em casa, sem atender a campainha e mesmo o telefone esses amantes se concentram nos mais elementares atos como o de se sensibilizar com o ambiente que o envolve, alimentar-se sem ter horário definido, e o que mais parece prosaico observar detalhes da vida do ser que divide o mesmo espaço. Usufruindo desse momento de prazer e rebeldia, mantêm-se apenas por oito dias. O tempo que durou a mais elementar das necessidades, os viveres que escassos obrigam o homem a sair

do paraíso em busca de alimento. Mesmo que por breve período e comprando apenas alguns quilos de uva, alimento natural, o homem ao retornar à casa descobre que o mundo exterior já invadira seu espaço e condenara sua felicidade a um esforço inútil diante das obrigações civis, como a de atender a campainha, o telefone, integrando-se não ao mundo particular, mas à corrente coletiva que o carrega, mesmo sem qualquer impulso vindo do próprio sujeito. Desse modo, a crônica traz o desencantamento do homem urbano quando da tentativa de desvencilhar-se das malhas que o condicionam a viver sob lógica que o automatiza e sufoca-lhe a possibilidade de viver, mesmo que por breves momentos, uma outra realidade que não aquela ditada pelo coletivo, normatizado, pela categorização do sujeito com ser social.

Tendo enquanto baliza a contagem do tempo como algo relevante para o viver em sociedade o narrador-cronista inicia o texto com os personagens ainda titubeantes diante da decisão de não se comunicarem com o mundo exterior: “Nos dois primeiros dias, sempre que o telefone tocava, um de nós dois esboçava um movimento, um gesto de quem vai atender. Mas o gesto era cortado no ar.¹ A partir dessa decisão até certo ponto inconsistente, instaura-se na crônica a distinção de dois espaços, de duas formas de vida, ou seja, uma luta entre o rebelde casal e o mundo externo, colocado pelo cronista nos seguintes termos:

Então tínhamos um suspiro de alívio. Havíamos vencido mais uma vez os nossos inimigos. Nossos inimigos eram toda a população da cidade imensa, que transitava lá fora nos veículos dos quais nos chegava apenas um estrondo distante de bondes, a sinfonia abafada das buzinas, às vezes o ruído do elevador.²

Instituída a silenciosa e estéril luta entre dois habitantes que resolvem inaugurar vida simples próxima àquela idéia de paraíso perdido, pré-urbano, calcada em atos dirigidos pelos mais simples instintos de sobrevivência e a força instituída por uma massacrante organização social que imobiliza os mais leves movimentos de insurreição, somos levados a acompanhar o dia-a-dia desses no interior desse embate. Na crônica esses movimentos são narrados a partir de tensa luta entre a busca da felicidade pelos pequenos gestos, pela ilusão de que

¹ BRAGA, Rubem. *A Borboleta Amarela*. 10ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Record, 1998, p. 129.

² *Idem*.

o sujeito pode viver autônomo do espaço que o cerca, isolado sem afastar-se do lar urbanizado e os movimentos ou ecos da vida urbana penetrando, mesmo que filtrados, naquele paraíso privado, imobilizando o casal de qualquer tipo de fuga territorial. O que nos surge nessa crônica, então, parece ser traço da cronística rubembragueana já apontado por Davi Arrigucci Jr:

O cronista [Rubem Braga] parece sempre tentado a franquear a fronteira entre a cidade dos homens e a natureza pura. Por isso o Rio de Janeiro, cidade que tanto ama e de que tanto fala com seu convite à ‘evasão fácil para o mar e a floresta’, surge para ele como cidade eleita, onde até quem leva a vida mais dura tem seu instante de sonho: ‘bela, insensata e frívola’ uma cidade feminina e passageira também – equilíbrio instável sobre a fenda profunda.³

Ainda que não esteja referenciada na crônica a cidade do Rio de Janeiro percebemos que o cronista tenta instaurar o seu momento de fuga ou evasão, porém como se destaca no texto, apenas como tentativa marcada pela imobilidade. Dessa forma, a fuga da cidade é apenas desejada e torna-se apenas incongruente tentativa de libertação pela via da mudança de atitude e não de espaço. Abre-se não uma fenda entre o espaço urbano e a idéia de natureza pura, mas um breve parêntese, visto que não há nenhum contato com a natureza. Nesse sentido, o cronista parece atentar para o fato de que a permanência do sujeito num espaço urbanizado possibilita apenas limitadas brechas de insurreição à vida cotidiana, que embora possível por instantes, torna-se estéril para aquele que se mantém no interior desse ambiente.

Em forma de diário, essa crônica narra os momentos de felicidade entre o casal, marcada por uma sensibilidade dispar em relação à correria do homem urbano impregnado por automatizada rotina. Assim são descritos esses momentos: “(...) e a nossa felicidade imensa era pontuada de alegrias menores e inocentes, a água forte e grossa do chuveiro, a fartura festiva das toalhas limpas, de lençóis de linho”⁴. Temos uma espécie de *zoom* na lente do cronista que amplia seu campo de visão, sua audição, enfim, um desembotamento dos órgãos sensitivos. Porém, dada à condição de habitante da cidade, há sempre a sombra do “inimigo”, os sons, o movimento, enfim, a vida externa assombrando o casal: “Pouco

³ ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário*. SP: Companhia das Letras, 1987. p. 4

⁴ BRAGA, Rubem. *Op. cit.*, p. 130.

falávamos; se o inimigo estivesse escutando às nossas portas, mal ouviria vagos murmúrios⁵. Perceptível também se torna a participação desses distintos espaços na vida da personagem. Revela o cronista, agora, absolvido pela possibilidade de refletir sobre a existência, o quanto um espaço urbanizado produz efeitos negativos e transforma o homem: “Ah, nós tínhamos vindo de muito e muito amargor, muita hesitação, longa tortura e remorsos”⁶. Por essa indicação podemos dizer que para o cronista o exílio doméstico possui dois efeitos: o primeiro é a súbita descoberta de que vivendo mergulhado num cotidiano opressor, o sujeito não se da conta do quanto o mundo externo o oprime e deixa marcas indeléveis no seu modo de ver, pensar e agir. O segundo aspecto é a consciência de que esse momento de reclusão induzida aproxima o sujeito de si mesmo e das alegrias divididas não pelo tempo cronometrado e dividido entre o trabalho e o não-trabalho, mas pela própria lógica da natureza, determinada pelas reações biológicas do sujeito e o movimento da natureza, a presença ou não de luz ou mudanças atmosféricas:

O relógio parara, havia apenas aquela tênue claridade que vinha das janelas sempre fechadas; mais tarde essa luz do dia distante, do dia dos outros, ia se perdendo, e então era apenas uma lâmpada no chão que projetava nossas sombras nas paredes do quarto e vagamente escoava pelo corredor, lançava ainda uma penumbra confusa na sala [...].⁷

Interessante notar que a crônica é estruturada e pode ser entendida como paródia do livro dos gêneses. Seguindo a mesma idéia de que o mundo havia sido criado por Deus em seis dias e tendo sido dado o descanso ao criador no sétimo, a construção desse novo modo de vida do casal é narrada através das mudanças que ocorrem diariamente. Inicia-se a crônica com “Nos dois primeiros dias” e na sequência as mudanças na rotina dos personagens segue esse itinerário cronológico. Contudo, diferentemente do texto bíblico a crônica é dividida em dois momentos e oito dias. Nos dois primeiros dias a sensação de independência do mundo externo é sustentada pela alegria das novas descobertas e garantida por recursos básicos de existência como o abrigo do apartamento e tudo o que essa morada oferece. Possibilita ainda essa “revolta”, a existência de viveres que,

⁵ *Idem.*

⁶ *Idem.*

⁷ *Idem.*

mais adiante, serão determinantes para a saída do casal dessa espécie de paraíso urbano. Isto fica claro quando no oitavo dia ambos se sentem desprovidos de forças pela escassez de alimento: “Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza; resolvi sair, era preciso dar uma escapada para obter víveres; vesti-me lentamente, calcei os sapatos como quem faz algo de estranho; que horas seriam?”⁸. Essa saída do paraíso quando pensamos na intertextualidade com o texto bíblico soa como forma de pecado, cujo castigo é a perda da tranquilidade proporcionada por essas horas de afastamento do ritmo normal da metrópole. Ao retornar a casa, o personagem percebe que o mundo externo já tomara conta de seu espaço, de sua intimidade, ou seja, perdera o direito de controlar seu próprio tempo:

E levei dois, três minutos, na sala de janelas absurdamente abertas, diante de um desconhecido, para compreender que o milagre se acabara; alguém viera e batera à porta, e ela abrira pensando que fosse eu, e então já havia também o carteiro querendo recibo de sua carta registrada e, quando o telefone bateu foi preciso atender, e nosso mundo foi invadido, atravessado, perdido para sempre.⁹

Finalizando assim o mundo paralelo e a própria crônica paira o desalento de alguém que descobre abruptamente ser a existência do homem citadino complexa rede de compromissos, horários e funções que o inscrevem numa organização coletiva da qual ele pouco controle tem sobre o fluxo.

Não muito distante dessa idéia de fuga do mundo urbano opressor, temos a crônica “O mato” cujo título indica o espaço escolhido como contraponto ao *modus vivendis* da metrópole. O que parece, a princípio, diferenciar esta da crônica anterior é a mudança de atitude e, principalmente, de espaço tomada pelo personagem. Já no início do texto há, ainda que de forma quase involuntária, a decisão do homem de abandonar sua rotina e o que ela tem de essencialmente civil. “Então o homem esqueceu o trabalho e as promissórias, esqueceu a condução e o telefone e o asfalto, e saiu andando lentamente por aquele morro coberto de um mato viçoso, perto de sua casa”.¹⁰

⁸ *Idem*.

⁹ *Idem*, pp. 132-133.

¹⁰ BRAGA, Rubem. *A Traição das elegantes*. 6ª edição. RJ: Record, 2006, p 17.

Desse modo, temos o que de mais interessante parece demonstrar essa crônica: a fuga do homem para um espaço, a princípio, “não-urbano” ainda que cercado ou muito próximo da cidade e por isso, também, pertencente aos distintos espaços que compõe o universo citadino. Pensado assim, adquirir esse lugar também função urbana, a de ser uma reserva ou local para breve contato com a natureza. Por isso, mesmo no interior da mata o sujeito não se distancia da vida urbana emitida pelo ruído de sua engrenagem: “Ali perto mesmo a cidade murmurava, estava com seus ruídos vespertinos, ranger de bondes, buzinar impaciente de carros, vozes indistintas”.¹¹

Transportado para esse mundo “natural” o homem, ao sentir-se em meio a outro ambiente que não aquele cotidiano, volta seu olhar para a cidade a partir de outro foco. Percebendo a cidade dentro de si, esse homem consegue, mesmo por breve instante de fuga, captar outro sentido para o viver urbano. Ainda que não mais se colocando como parte integrante da cidade, nasce no personagem a visão de que a vida até aquele instante não pode ser dissociada do agitado mundo moderno representado pelo organismo vivo chamado cidade. Em forma de epifania o personagem enxerga-se não ser

Por um instante, o homem voltou seu pensamento para a cidade e sua vida. Aquele telefone tocando em vão era um dos milhões de atos falhados da vida urbana. Pensou no desgaste nervoso dessa vida, nos desencontros, nas incertezas, no jogo de ambições e vaidades, na procura de amor e de importância, na caça ao dinheiro e aos prazeres.¹²

Nesse trecho transparece com extraordinária nitidez marcas do estilo lírico de Rubem Braga e uma indisfarçável crítica ao viver aburguesado e materialista calcado na imagem de que a vida é eterna busca pelos bens materiais e os pseudoprazeres por eles proporcionados. Essa idéia reforça-se quando o cronista descreve a mudança de foco do homem em contato com a natureza. Assim, mesmo os ruídos da cidade ecoando no novo espaço invadido pelo homem e a sensação de impotência para cambiar de vida, a atenção do sujeito se volta para a simplicidade dos pequenos animais que compõem a floresta, passando a ver nestes a beleza dirigida pelas necessidades mais elementares. Como epifania, uma verdade imediata é revelada:

¹¹ *Idem*.

¹² *Idem*, p. 18.

[...] ainda pensava em seus problemas urbanos – mas um camaleão correu de súbito, um passarinho pirou triste em algum ramo, e o homem ficou atento àquela humilde vida animal e também à vida silenciosa e úmida das árvores, e à pedra escura, com sua pele de musgo e seu misterioso coração mineral.¹³

Neste instante o sujeito já se mostra sintonizado com a natureza, mesmo que o olhar ainda esteja embotado pelo ritmo frenético da cidade grande que relega para as margens os elementos que não se integram à lógica dominante que deu fisionomia à cidade moderna: a revolução industrial e posteriormente as prerrogativas do capital. Neste sentido, a floresta próxima do centro urbano é também vista e regida por essas “leis”. Ao homem burguês a natureza funciona como breve momento de lazer, período em que o ser social busca silêncio ou reanima a visão com diferentes paisagens proporcionadas pelos bosques. Desse modo, também a natureza que é anterior à urbanização parece integrar-se ao processo de mercantilização inaugurado com a cidade capitalista. Não obstante, nesta crônica, Rubem Braga aponta para possível emancipação do homem que não mais funciona como visitante e faz da natureza apenas meio de consumo. O que ele ilustra é a integração:

E pouco a pouco foi sentindo uma paz naquele começo de escuridão, sentiu vontade de (...) se tornar um confuso ser vegetal (...) ficaria verde, emitiria raízes e folhas, seu tronco seria um tronco escuro grosso, seus ramos formariam copa densa, e ele seria, sem angústia, nem amor, sem desejo nem tristeza, forte quieto, imóvel feliz.¹⁴

Para que essa fuga do meio urbano se torne efetiva é necessário que o homem passe por simbólico processo de transfiguração no qual ele só poderá ver-se integrado à natureza quando não mais tiver a identidade humana que se confunde com o papel social ocupado por ele na vida urbana. Trata-se de fusão entre o humano e o vegetal, entre a natureza e a cidade, entre um ser racional e uma planta. Tal cena encerra a crônica e deixa ao leitor a sensação de que diante da vida urbana a saída possível se dá ao nível do mito e não do *logos*. Por essa via o homem se desumaniza para torna-se ele, também, um ser vegetal ou como diz o próprio cronista passe a ter “um misterioso coração

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Idem.*

mineral”. Impregnada nessa imagem temos a configuração de que fica ao homem a impossibilidade de livrar-se de suas obrigações civis. E a respeito dessa fusão entre o homem urbano e a natureza pela crônica de Rubem Braga, Davi Arrigucci Jr comenta:

Em pleno industrialismo, esse narrador se aferra ao artesanato da memória e da imaginação, trabalha dados de uma experiência morosamente acumulada num modo de vida em duro contraste com o ritmo dos grandes centros. Num texto como ‘O mato’, se percebe com nitidez a proximidade dos opostos, o homem buscando a fusão mítica com o mundo natural em pleno centro da metrópole, como se um passado ancestral aflorasse, com a esperança de uma felicidade primeva eliminando a consciência e o desregramento essencial, no miolo da vida moderna.¹⁵

Ainda segundo Arrigucci Jr., intenta Rubem Braga nessa e em muitas outras crônicas estreitar a relação do homem com a natureza ou aproxima “a cidade dos homens e a natureza pura”. Interessante notar que nesta relação entre o sujeito urbano, seu habitat e as tentativas de fuga dessa realidade, o cronista capta o funcionamento desse universo regido sob a batuta do capitalismo industrial que tem como princípio básico a transformação de toda a paisagem urbanística em elementos funcionais. Os espaços são construídos ou incorporados à dinâmica de uma vida que parece ser a única possível depois que o homem foi expulso do paraíso. Assim podem ser entendidos os espaços reservados a natureza que de modo algum podem ser dissociados da vida e necessidade dos seres humanos, funcionando, em cidades como a do Rio de Janeiro, nas palavras de Rubem Braga, como: “Ainda bem que de todas as grandes cidades do mundo o Rio é a única a permitir a evasão fácil para o mar e a floresta”¹⁶. Tendo como função proporcionar esses breves momentos de fuga da realidade, a natureza que circunda a cidade parece ter sido incorporada, e, está, igualmente, como os outros espaços submetida à funcionalidade de todos os lugares urbanizados.

Também inserido nessa esteira, ao homem descrito na crônica de Rubem Braga, só é permitido lampejos de liberdade e mesmo que realizável não pode ser desprendida de seu cotidiano regulamentado e regido por leis que invisíveis

¹⁵ ARRIGUCCI JR, Davi. *Op. cit.*, p. 4.

¹⁶ BRAGA, Rubem. A traição..., *op. cit.*, p. 18.

por um lado tornam-se intransponíveis por uma coercitiva força que mantém o sujeito ligado aos valores, ao ritmo, às transformações e à lógica da existência controlada pelas atividades de um mundo burguês representado pela cidade moderna, historicamente construída. Enfim, o sujeito descrito nessa crônica de Rubem Braga, submetido “aos milhões de atos falhados da vida urbana” torna-se apenas mais uma engrenagem dessa gigantesca invenção do homem burguês, nominada cidade.

Outro aspecto interessante a se debater no percurso dessas duas crônicas apresentadas acima, é o fato de a crônica e o próprio cronista funcionarem como texto e sujeito que se mostram na fronteira entre a narração das notícias, ou comentarista dos eventos cotidianos do meio urbano e a possibilidade de fugir dessa função meramente informativa e alçar vôos mais altos em direção ao lirismo que liberta o homem de sua rasa visão dos eventos diários e partem em busca de reflexões mais profundas e perenes não proporcionadas pelos textos jornalísticos.

Sendo assim, o gênero crônica se aproxima dos sujeitos descritos nos textos de Braga apontados acima, pois encerrada no espaço do jornal, seu habitat natural, a crônica se debate para fugir do mero circunstancial como nos mostra Antonio Cândido ao colocar esse gênero ao rés do chão: “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas”.¹⁷

Nesse sentido, a crônica se torna como no primeiro texto analisado aqui, esse sujeito que sem abandonar o espaço no qual habita persegue nova possibilidade de se ver enxergar o mundo, captando os pequenos movimentos, aqueles considerados fúteis ou banais para transformá-los na mais alta poesia. Ou como nos diz os amantes na crônica, “a nossa felicidade imensa era pontuada de alegria menores e inocentes, a água forte e grossa do chuveiro, a fartura festiva das toalhas limpas de lençóis de linho”.¹⁸ Proporcionando alegrias menores, a crônica se situa na encruzilhada entre a fugacidade dos eventos cotidianos, sua ligação com

¹⁷ CANDIDO, Antonio: et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 14.

¹⁸ BRAGA, Rubem. *A Borboleta...*, *op. cit.*, p 133.

o tempo presente e a tentativa do escritor em abrir algumas clareiras para situar o olhar muito além dos muros da cidade e da mercantilização dos sentimentos que circunda o homem urbanizado.

Por outro lado, como é perceptível no texto “O mato”, Rubem Braga traz à crônica o *status* de texto híbrido que parte das experiências pessoais transformadas em momentos poéticos que apontam para uma espécie de transfiguração. Igual ao homem que se transforma em ser vegetal, a crônica torna-se texto carregado de lirismo confessional, gênero fronteiro com a poesia.

Vistos assim, esses textos tornam-se duplo espelho, ao mesmo tempo que focalizam uma alternativa para o homem urbano sair do automatismo rotineiro, refletem a própria posição da crônica enquanto texto que a partir de um veículo, o jornal que funciona como repositório das atividades urbanas, cria espaço alternativo no qual prevalece a exposição do olhar mais humanizado em que o próprio cronista se insere como conteúdo através do seu lirismo intimista.

Observadas apenas por seu conteúdo, essas crônicas colocam o homem em disjunção com o espaço urbano, tanto criando espaço alternativo dentro do próprio meio urbano, ou seja, sem sair de sua residência, um apartamento em pleno centro da metrópole, “Os amantes” projetam nova existência, feita pelo abandono da vida civil e de todas as obrigações que esta são inerentes. Por outra via, esse desligamento do habitar urbano pode se dar não com a criação de novo espaço, mas através de nova perspectiva para um espaço já reservado para breve fuga, como na crônica “O mato”.

E entendidos como símbolos do próprio escrever, esses textos com seus personagens refletem a própria função do cronista que é a de criar um espaço que esteja em descompasso com aquele reservado para a notícia ou a reportagem. Nessa luta da crônica em tornar-se espaço privilegiado para a busca do perene ou pela aproximação do *status* de texto literário, enxerga Massaud Moisés ser o espaço da crônica: Ambígua, duma ambiguidade irredutível, de onde extrai seus defeitos e qualidades, a crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso, ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universali-

dade de suas virtualidades latentes [...] o cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento uma porção imanente de fantasia.¹⁹

Em conexão com o ponto de vista de Massaud moisés, tanto as crônicas de Rubem Braga, como a fuga do homem urbano da sufocante rotina civil por ele descrita nos textos, simbolizam instantes de epifania pela quebra da visão unilateral que ultraja as inclinações do homem como ser natural e não a serviço da ordem regida pelo capital.

¹⁹ MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10ª. ed. SP. Cultrix, 1982, p. 104